

Deponente: Rodrigo Penna

Entrevistadores: Ana Sofia Vila Nova e Janaína Campos de Freitas Breugelmans.

Data: 02 de maio de 2017.

JANAÍNA: Oi, bom dia. Hoje é dia 2 de maio de 2017, estamos na Fumec, agora são 9:19, estamos começando a oitiva do RODRIGO PENNA. Estamos na presença das duas pesquisadoras, Ana Sofia Vila Nova e Janaína Campos de Freitas Breugelmans, e vamos ouvir agora o depoimento prestado pelo RODRIGO PENNA, sobre sua experiência de vida em relação ao regime autoritário aqui em Minas Gerais.

RODRIGO PENNA: Bom, vocês já me apresentaram, né? Meu nome é Rodrigo Penna e eu, como muitos outros, fui preso pela ditadura em 1971. Contando um pouco do precedente da minha prisão, meu pai chama-se Sálvio Humberto Penna e minha mãe, já falecida, Ana Lúcia Penna, eles são de Sabará, aqui na região metropolitana de Belo Horizonte. Se conheceram, namoraram e casaram lá em Sabará, e tanto meu pai quanto minha mãe já tinham uma história de militância política na década de 60, que precedeu meu nascimento. Eu nasci em 1971. Meu pai foi aluno do CEFET, lá no CEFET ele teve uma militância atuante, ele foi de algo semelhante ao que hoje a gente chama de grêmio estudantil, na época eu acho que chamava centro acadêmico, ou algo dessa, ou centro estudantil. Com disputas, como eu hoje eu sou, coincidentemente, professor do CEFET também e tem eleição todo ano, chapas disputam. Meu pai chegou a ganhar eleições contra candidatos da direita, lá no CEFET. E a repressão já atuava lá no CEFET nessa época, tanto é que meu pai não concluiu o curso, porque ele foi convidado a se retirar. Na verdade, ele foi renovar a matrícula dele e eles não aceitaram a rematrícula dele. Isso é mais ou menos no ano de 67. Por curiosidade, meu pai é contemporâneo e colega do nosso ex-prefeito Márcio Lacerda, também estudou lá no CEFET. Com isso meu pai saiu da escola, né, ele veio a concluir o Ensino Médio bem depois e entrou pra Ação Popular. Agora, como era um movimento clandestino, ele entrou clandestinamente e militava pela Ação Popular, mas meu pai e minha mãe não tavam clandestinos, eles usavam os nomes verdadeiros, continuaram trabalhando. Minha mãe era funcionária pública e ele arrumou um emprego na Cidade Industrial, e logo depois do casamento eles foram morar lá em Contagem, num bairro chamado JK, um bairro tipicamente operário, onde hoje tem o Itaú Power Shopping. Ali era uma empresa grande, né, bastante poluidora, também eu lembro dela, e hoje é um grande conjunto, um grande conjunto habitacional lá. Então era um bairro popular, eles tinham a militância política deles na clandestinidade, a ação popular

era uma organização clandestina e eu diria que um dos períodos mais graves da repressão foi justamente o governo Garrastazu Médici, né, 1971. Vários militantes da AP começaram a cair, como eles falavam naquela época, começaram a ser presos, torturados etc. Eu nasci no dia 2 de dezembro de 1971, e o meu parto foi um parto difícil pra aquela época, eu nasci com fórceps, que é um instrumento que agarra a cabeça do bebe pra terminar de puxar do útero da mãe. Meu pai assistiu o parto e meu pai conta que minha mãe terminou a espécie de cirurgia, que esse tipo de parto é, né, com 33 pontos. Ele contou um por um, que ele ficou impressionado. Nasci lá no hospital Belo Horizonte, ali na Avenida Antônio Carlos. Então acho que minha mãe ficou uns dois dias no hospital e foi pra casa nesse bairro que eu falei para vocês, no bairro JK. Na manhã do dia 7 de dezembro, então tinha cinco dias que eu tinha nascido, a equipe do DOPS foi fazer a prisão tanto da minha mãe quanto do meu pai, então eu fui preso cinco dias depois de nascer. Meu pai tinha um emprego, carteira assinada, eles mandaram uma equipe do DOPS pra empresa que ele trabalhava e mandaram outra equipe do DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, para a casa da minha mãe. Aí meu pai cometeu um erro, né, um erro de segurança, porque o caso foi o seguinte: ele chegou para trabalhar normalmente, mas percebeu que tinha gente da polícia política lá. Eu não sei se ele viu carro, eu não sei se ele viu gente fardada, o Exército participava desse tipo de operação, mas ele chegou pra trabalhar e desconfiou, e ele devia ter voltado para casa e olhado de longe, mas ele não fez isso, ele ficou preocupado, ele tava com a esposa e o filho pequeno em casa. Então ele voltou pra casa e tinha uma segunda equipe que já tinha chegado lá e tava com a minha mãe detida dentro de casa. Minha mãe não estava andando, ela tinha acabado de sofrer um parto complicado, ela tava praticamente de cama. Então meu pai foi preso na própria casa dele, quando ele voltou da empresa. E aí foi direto do DOPS e direto pra tortura. Minha mãe, não. Minha mãe, ela estava bastante debilitada, né, por causa do parto, e tava comigo. E aconteceu uma coisa curiosa, né. Meu pai fala da incompetência da própria repressão, eles não andavam com rádio comunicador, não tinha rádio na viatura, era difícil ter telefone, né, o celular chegou no Brasil na década de 90. Então eles levaram meu pai e uma parte da equipe ficou lá na casa decidindo o que ia fazer, porque cê tava com uma mulher acamada e uma criança, que era eu, com cinco dias de vida, “Nós vamos levar a mulher e o menino ou não?”. E não foi, assim, algo tão simples, porque eles chegaram pela manhã, por volta das sete horas e minha mãe só veio a ser presa junto comigo por volta das dezenove horas da noite. Então eles ficaram doze horas lá pra tomar essa decisão: “Nós vamos levar ela e a

criança ou não? Nós vamos deixar aqui e liberar ou não?”. E alguém deve ter saído e dado uns telefonemas. Meu pai conta um negócio interessante, por exemplo, como na época era difícil imprimir panfleto pra manifestação como a que teve, a greve geral de sexta-feira ou ontem foi dia do trabalhador, né, dia primeiro de maio. Então eles tinham uma gambiarra que, segundo ele era comum na época, acho que chamava “reco”, lembra muito serigrafia, vocês já viram aquelas telas de silk screen? Você tinha um esquema muito simples, que você botava umas folhas de papel embaixo, passava uma tinta e imprimia, isso obviamente era ilegal, panfletos ilegais. Cê vê que mesmo minha mãe debilitada e com a equipe do DOPS lá dentro, ela conseguiu, de alguma maneira, né, sumir com isso lá dentro de casa. Ela quebrou as madeiras e sumiu com a tela. Isso era algo que comprometeria tanto meu pai quanto minha mãe se a equipe tivesse encontrado. Mas, enfim. Então no final, no início da noite do dia 7 de dezembro meu pai já foi encaminhado pro DOPS pela manhã. Eu fui preso junto com a minha mãe e, dada as condições dela, com ma..., né, após o parto com fórceps, toda costurada e com um neném amamentando, recém-nascido, eu fui levado pro Hospital Militar, é, ali no Santa Efigênia. O Hospital Militar está lá até hoje. Curiosamente, tanto eu quanto meu pai, nós tentamos de várias maneiras arrumar os registros da minha passagem e da minha mãe pelo Hospital Militar, não houve nenhum registro conhecido e público e notório, né. A gente sabe que vários arquivos, digamos assim, em off da ditadura, sempre houve registro, mas nada disso nunca apareceu. Eu vou falar mais de mim, mas como eu já citei, meu pai também, porque nós fomos presos como família inteira, eu, pai e mãe. Meu pai ficou cerca de um ano e meio preso, ele veio a sair em abril, maio de 1973. Sofreu as torturas clássicas, pau de arara, choque elétrico, né. Uma curiosidade: eles torturaram meu pai com agulha, espetavam agulha nele. Em 2015 agora, ele estava doente, e eu tratando junto com ele, indo bastante ao hospital, meu pai tem trauma de agulha até hoje, difícil fazer um exame comum nele, exame de sangue, aplicar injeção, ele ficou realmente bastante traumatizado. Minha mãe também, ela ficou bastante abalada com tudo isso que ela viveu, as torturas que ela sofreu. Ela nunca falou, ao contrário do meu pai, exatamente pra mim o que aconteceu nos seis meses que ela ficou presa, né. A gente sabe que ela foi torturada, mas se ela não queria falar... E ela foi torturada nessas condições que ela se encontrava, tá. E assim que as pessoas eram presas, na ditadura, elas ficavam incomunicáveis, né. Havia um aparato do submundo, da ilegalidade, da violência, tanto é que cê não tem registro. Eu estava no Hospital Militar, eu não estava registrado como paciente, minha mãe também não estava. Então a família, a família não

tinha a consciência que o membro da família tava preso. Então, cê vê, a família da minha mãe é grande, minha mãe tinha dez irmãos, meu pai tem meia dúzia de irmãos, muito, avô, primo demais da conta que nós temos. Então ninguém sabia. E era uma época que a gente recebia muita visita, etc. e tal. Até você contactar vizinho pra saber que a polícia teve lá e que as pessoas simplesmente sumiram, você não sabe onde é que elas tão presas, etc. e tal. Demorou. E as pessoas não tinham direito a advogado pra dar um telefonema, pedir um habeas corpus, nada disso. Quê que aconteceu no Hospital Militar? Eles sacaram logo que eu era um instrumento de pressão grande contra a minha mãe. Então eu fui utilizado como instrumento de tortura contra ela, eles ameaçaram fazer coisas horríveis comigo. E durante a tortura, o leite da minha mãe secou. Até isso eles usaram como instrumento de tortura, porque como minha mãe não tinha leite pra me amamentar, eles, de sacanagem, na época já tinha algum tipo de leite em pó, coisa assim, no início da década de 70 era muito, muito mais precário que hoje, não tinha tanto alimento, então minha mãe conta, é de uma maldade até difícil de entender. Eles davam só uma mamadeira por dia pra ela, e ela não tinha leite, de manhã. Então ela conta que no final da tarde, o leite já tinha deteriorado, ele não tinha a mesma qualidade de hoje, ele azedava, e eu só tinha aquilo pra comer. Ela só podia me dar aquilo, porque ela não tinha leite e não tinha mais nada. Era assim que ela passou durante todo o tempo que eu fiquei preso junto com ela. Eu fiquei preso junto com ela do dia 7 de dezembro, ninguém sabe a data exata que eu saí, apesar de eu mesmo já ter conversado sobre isso com muita gente, eu fiquei preso algo em torno de 40 a 45 dias com ela lá no Hospital Militar. E você vê que era um hospital, e era usado como centro de repressão da ditadura, tortura, dentro do hospital. É loucura. Minha mãe, ela deu mais sorte em relação ao meu pai, que apesar dela ser militante, não tinha nada contra ela, nada assim, de subversivo, digamos. Eles não acharam nada, ela militava, mas na clandestinidade. Mas ela não estava à frente do movimento tanto quanto meu pai. Então como eles não acharam realmente nada contra ela, ela foi apenas condenada a seis meses de cadeia, porque, eles também não soltavam a pessoa. Mesmo não achando nada, eles não precisavam de prova pra condenar ninguém. Tem aquela foto famosa da Dilma no julgamento dela, eles tinham vergonha do que eles estavam fazendo, por isso eles escondiam o rosto. Alguns dados que eu faço questão de citar, porque esse tipo de coisa a gente não esquece e merece registro, são os nomes dos torturadores, os que foram, alguns inclusive eschachados pelo Levante da Juventude, mas vamos lá. Quem comandou a operação que prendeu eu, meu pai, minha mãe, foi o tenente do exército, Lacerda, torturador

conhecido aqui em Minas Gerais. E já na prisão, né, de participar da tortura tanto do meu pai quanto da minha mãe, Capitão Pedro Ivo, da Polícia Militar, Sargento Cruz da Polícia Militar de Minas Gerais, e Major Portela. São figurinhas carimbadas. Esses nomes, se não apareceram nos depoimentos que vocês pessoalmente tomaram, eles já são conhecidos, já apareceram em outros depoimentos aqui de outras pessoas na Comissão da Verdade Nacional e Minas Gerais também. Infelizmente, nenhum torturador, ao contrário de outros países, foram punidos, né. Bom, eu não tenho então tantos detalhes pra falar para vocês. Durante esse período minha mãe, igual como eu lhes disse, sempre evitou falar bastante, sobre isso, nunca quis conversar muito comigo sobre isso. Meu pai é mais aberto. Ele fala muito mais abertamente sobre o período que ele teve na prisão, conta caso, etc. e tal. Minha mãe não. E ela já faleceu, ano passado. Mas, o seguinte, havia um folclore na minha família que quem tinha conseguido contactar e saber onde é que a gente tava preso pra tentar de alguma maneira fazer chegar o advogado, era um tio meu que tinha acabado de passar pra reserva do exército. Na verdade não é tio de sangue, ele é casado com uma irmã da minha mãe, ele era tenente da reserva do exército. Então eu sempre achei, durante muitos anos, que foi através dele, que ele tinha dado uns telefonemas, pessoal amigo dele tinha chegado lá na minha mãe, onde eu estava preso com ela no Hospital Militar. Depois, quando foi estabelecida a Comissão da Verdade mineira, que nós demoramos a juntar a documentação pra mandar pra Comissão da Verdade Nacional, e aí nessa época eu entrevistei muita gente, o julgamento do meu pai e da minha mãe na Comissão mineira, se não me engano foi em 2001, é que eu fui saber que não, na verdade o seguinte: os militares ficaram com, com, comigo e com minha mãe preso lá e meio sem saber o quê que eles iam fazer, apesar deles tarem, tarem me usando como instrumento de tortura contra ela também, mas o que eles tinham era mulher debilitada e um criança recém-nascida, dava um certo trabalho pra eles também, não era uma situação normal. E aí é que meu pai veio a me esclarecer que não foi bem assim. Depois de um certo tempo, eles chegaram à conclusão que não tinha cabimento eu ficar preso lá com a minha mãe. Então, de alguma maneira, o próprio aparelho de repressão contactou a família da minha mãe, minha avó e meu avô, os pais dela, né, e negociaram pra poder me liberar, embora minha mãe continuou presa ainda vários meses. Então o que aconteceu foi o seguinte: eles combinaram com minha avó e com meu avô que eles seriam autorizados a me buscar lá no Hospital Militar. E aí minha avó e meu avô foram lá, minha mãe tava presa, eles assinaram algum tipo de termo de responsabilidade e eu pude sair da cadeia, ou no... eu

acredito que isso seja final de janeiro de 1972, eu nasci em dezembro. E minha vó também fala, falava bastante sobre essa época. Minha vó e os outros dez irmãos da minha mãe, porque eu fui levado pra Sabará, à casa dela, e eu saí da cadeia com 45, 50 dias de vida e bastante debilitado, eu tava doente, que eu não tava comendo, então eu tava com diarreia, eu tava magro, né? E minha vó conta um termo específico ainda: os militares eles exigiram que ela se compromete... Embora eles tenham me entregado debilitado, eles exigiram que ela se comprometesse a cuidar da minha saúde. Então ela tinha de me levar, com uma certa frequência, até o Hospital Militar pra eu ser examinado por um médico militar pra ver se eu tava recuperando, se, se ela tava cuidando bem de mim, etc. e tal. Porque eu acho que eles tinham medo que de alguma maneira eu viesse a falecer, né, depois disso e a responsabilidade acabasse recaindo sobre eles. Mas deu tudo certo, lógico, né. Minha vó e minhas tias me trataram com todo carinho, eu fui recuperando aos poucos. E minha mãe veio a sair da cadeia então em meados de 72, e foi aí que eu pude passar a ter uma convivência com ela. É interessante a gente observar como é que a ditadura afeta a gente ao longo da vida, né. Eu criei um vínculo muito forte com a minha avó, porque quando meu pai saiu da cadeia, minha mãe continuou morando com elas, e a minha avó é que me acolheu assim que eu saí da cadeia, também minha mãe ficou seis meses presa, então até minha vó falecer em 2015, cê vê, minha vó tem 36 netos além de mim, né, e ela sempre me tratou diferente, porque foi o único que ela, que ela buscou pequenininho lá, que ela criou, que ela precisou criar, né. Os outros, de casamentos normais, os irmãos da minha mãe sempre frequentaram a casa dela, mas não foi com esse grau de aperto que ela passou naquela circunstância. É um negócio estranho, minha mãe já morreu, eu posso falar isso tranquilamente também, eu acho que isso abalou de alguma maneira a minha mãe, eu noto que ela sempre teve um ciúme da minha vó, o resto da vida. São coisas sutis que você percebe no dia a dia íntimo de uma família, mas a gente não sabe direito como é que essas circunstâncias da ditadura afetaram exatamente a vida de cada um. Vocês já devem ter visto outros depoimentos, já devem ter falado coisas curiosas pra vocês. Um caso curioso, que eu faço questão de contar também, foi o seguinte: depois que cê passava por um longo período de tortura, que foi o caso do meu pai, aí sim cê tinha acesso ao advogado meio proforma, né, e depois de um tempo cê, em alguns casos, cê até podia receber visita. Então assim que meu pai foi autorizado e minha mãe saiu da cadeia, uma das providências que ela fez foi me levar pro meu pai me conhecer, porque o meu pai conviveu comigo cinco dias de vida ele foi preso. E eu e minha mãe também. Então tem uma cena que meu pai e minha mãe

sempre contava rindo pra mim, que é o seguinte: eu cheguei na cadeia, se não me engano meu pai foi preso numa cadeia que chamava Linhares, mas não é Linhares no Espírito Santo, tinha uma cadeia que chamava Linhares, eu não sei nem onde fica. E aí tinha os presos de um lado, né, tinha um guarda, etc., e minha mãe conta que eu já estava começando a querer andar, de certa falou assim: “Vai lá conhecer seu pai.”, eu fui e abracei o guarda, eu não sabia quem era, né, eu não tinha convivido com ele até então. E as lembranças mais antigas que eu tenho, foi pouco depois de meu pai sair da cadeia, que eles saíram da cadeia, quando meu pai saiu, minha mãe pôde sair da casa da minha vó e eles alugaram uma casa pra voltar a morar junto, né. Eu só lembro da vida a partir daí, quando, quando eles voltaram eu devia ter uns dois anos e nós fomos morar lá no bairro Sagrada Família. É uma casa que eu lembro que eu tinha um gato etc. e tal. E de alguma maneira a cadeia me afetou, né? Eu tive asma o resto da vida, eu saí da cadeia com asma. Interessante que isso não foi detectado quando eu nasci, nesses cinco dias, apesar de o parto, mas eu acredito que tenha sido alguma sequela dessa alimentação ruim que eu tive lá na cadeia nesses 40, 45 dias que eu fiquei por lá, né. Agora, a história é mais ou menos essa. Pelo fato de eu ser criança, não tenho tantos detalhes refinados para contar para vocês. Vocês gostariam de perguntar alguma coisa especificamente?

ENTREVISTADOR: Eu tenho uma pergunta.

RODRIGO PENNA: Sim.

ENTREVISTADOR: Você falou que no dia que vocês foram presos, ficaram alguns militares na sua casa, com você e com sua mãe, durante 12 horas aproximadamente.

RODRIGO PENNA: Aproximadamente, sim.

ENTREVISTADOR: Nesse período houve algum tipo de tortura? Eles já tinham algum tipo de tratamento, assim, mais bruto com vocês ou eles deixaram a sua mãe, assim, mais quietinha?

RODRIGO PENNA: A pessoa era espancada no ato, né, da prisão. Aliás, a brutalidade da polícia é famosa. Hoje nós temos esse caso horrível aí do estudante Mateus, que foi agredido lá em Goiás. Então isso parece que é uma rotina da polícia brasileira. Meu pai já saiu apanhando, como muitos também. Eu acho que o caso da minha mãe foi um pouco diferente, pelo fato de ela estar praticamente acamada, toda costurada e com um neném, minha mãe, pelo menos contra ela, ela não relata agressão nessas doze horas que a gente se manteve preso dentro de casa. E tinha um complicador também, eu não sei se vocês conhecem o bairro JK, mas a origem do bairro é um conjunto popular, de casas pequenas, feitas pra operário classe média-baixa, talvez até baixa na época. Então as

casas são muito próximas umas das outras, vizinhos dessa época estão vivos, são amigos da minha mãe e do meu pai até hoje. Com essa movimentação, não tem como esconder num bairro onde uma casinha é do lado da outra, então eu acho que isso também deve ter ajudado a manter o mínimo de civilidade ali naquela hora. Agora, cê vê que era um negócio meio maluco também, muito bagunçado, né, o cara vai prender, ele não sabe nem quem que tá prendendo. Eles foram prender meu pai, mas de repente tinha minha mãe, quê que eles iam fazer com ela? Demorar doze horas pra tomar uma decisão? Cê vê que é uma estrutura hierarquizada, né? Alguém pega o carro, mesmo que seja uma viatura disfarçada, e vai, na pior das hipóteses, num orelhão, que é um telefone público disponível na época, aí cê tem que dar um telefonema pro capitão, pro capitão ligar pro coronel, pro general, pergunta: “O quê que nós vamos fazer com essa mulher e com esse menino?” Demorou, né? A ordem tem que subir e alguém tem que mandar o que fazer e não tem comunicação direito, até resolver, doze horas. Não é uma prisão muito comum, né. Mas foi exatamente o que aconteceu. Sendo bastante específico na pergunta que você me fez, eu não tenho relatos de tortura a mim ou a minha mãe nesse dia, 7 de dezembro, que eu fui preso, não. Não nesse lugar. Tanto é que eles cogitaram uma segunda hipótese, que eu pulei e esqueci de contar pra vocês. Num determinado momento lá, minha mãe falou, já tava meio de saco cheio também, de cama, pô, “Faz seguinte, cês quer me levar? Me leva. Aí eu deixo o menino com nossos vizinhos”, que era da confiança dela. Então ela chegou a me pegar e entregar para os vizinhos, que eram amigos, conhecidos, etc. e tal. E eles cogitaram em levar só ela presa. E depois, de alguma maneira, alguma ordem chegou, não sei, é que eles levaram eu com ela. Eu podia ter ficado e ela ter ido. E eles mudaram de ideia ao longo do dia, tá.

ENTREVISTADOR: Só pra esclarecer uma coisa, quando eles chegaram até a casa de vocês lá no JK...

RODRIGO PENNA: Uhum.

ENTREVISTADOR: Eles foram pra prender seu pai só ou eles também tinham um mandado de prisão, nem sei se tinha mandado na época, mas tinha uma ordem de prisão pra sua mãe também?

RODRIGO PENNA: Na verdade, nada disso era legalizado, então cê não tinha mandado. Mas o foco era o meu pai, e a praxe era levar todo mundo que tava junto. Cê tem outros casos contados na Comissão da Verdade que gente que não tinha nada a ver com nada foi por tá com pessoas consideradas suspeitas, subversivas, comunistas, guerrilheiro, sei lá, porque tava no lugar errado na hora errada, gente que não tinha nada a ver com nada,

gente que não tinha nada a ver com militância política, não tinha atuação política, nada. Mas às vezes você tava com a pessoa lá na hora, eu acho que foi um pouco o caso da minha mãe.

ENTREVISTADOR: Mas ela tinha militância (trecho incompreensível)?

RODRIGO PENNA: Tinha, mas ela não era aberta igual meu pai. Porque na época, fazer uma panfletagem era motivo de prisão. Se eles fabricavam panfletos e ia para porta de fábrica espalhar panfleto, se a repressão te pegasse naquela hora, simples, você foi preso em flagrante. Mas no caso dela, era mais escondido. Uma coisa curiosa é o seguinte, meu pai, minha mãe foi, quando ela saiu da prisão, ela voltou a trabalhar no serviço público. Ela começou a trabalhar muito cedo, com 16 anos, né, e ela é de 1948, então vamos fazer uma conta aqui, ó, 48 pra 71, ela tava com 33 anos?

ENTREVISTADOR: 23.

RODRIGO PENNA: 23 anos, é. 23 anos de idade. Ela era nova, mas ela já trabalhava desde os 16. Pucê ver que ela tava tão pouco queimada, digamos assim, nesse aparelho de repressão, que quando ela saiu, ela voltou a trabalhar no serviço público. E aposentou depois de 40 anos de trabalho. Então, ela começou com 16 e aposentou com 56. Tem esse intervalo aí de seis meses que ela ficou presa, durante todo o resto da vida ela trabalhou no serviço público.

ENTREVISTADOR: Ela voltou pro mesmo cargo?

RODRIGO PENNA: Voltou. Isso influi em detalhes, por exemplo, a indenização do meu pai, da Comissão da Verdade Federal, né, Nacional, foi maior do que a da minha mãe, porque eles ponderam esse tipo de coisa. Meu pai perdeu o emprego, né. Minha mãe não. Meu pai teve direito à aposentadoria especial dessas que a Comissão da Verdade dá. Minha mãe não, porque ela acabou terminando a vida e aposentando normal no serviço público.

ENTREVISTADOR: Uma outra pergunta.

RODRIGO PENNA: Sim.

ENTREVISTADOR: Esse período lá da, da prisão, nesses quarenta, quarenta dias que você ficou...

RODRIGO PENNA: Quarenta, quarenta e cinco, é.

ENTREVISTADOR: Quarenta e cinco dias que você ficou preso no hospital, sempre no Hospital Militar, né?

RODRIGO PENNA: Sempre no Hospital Militar.

ENTREVISTADOR: Nesse período, alguém, alguém da família, algum amigo, foi visitar ou nesses quarenta dias vocês ficaram incomunicáveis?

RODRIGO PENNA: Não, a pessoa fica incomunicável. Enquanto a repressão não tomou essa decisão de me devolver pra família, durante, eu não sei exatamente quantos dias, semanas, mas eles não tinham ideia, via vizinhos, cê sabe que teve alguém ali que prendeu aquelas pessoas, inclusive um bebê, o que é chocante para quem tá em volta vendo, mas tava, tanto minha mãe, quanto meu pai, ficaram incomunicáveis. Enquanto a repressão não decidiu avisar à família da minha mãe, ninguém sabia onde é que a gente tava.

ENTREVISTADOR: Entendi. Então essa coisa que você falou sobre, durante muito tempo circulou essa, essa informação de que tinha sido o concunhado, né, da sua mãe...

RODRIGO PENNA: É, o marido da minha tia, sim.

ENTREVISTADOR: Que tinha conseguido essa informação e que tinha entrado em contato pra poder liberar você e tal, mas não, foi a própria repressão...

RODRIGO PENNA: É.

ENTREVISTADOR: Que entrou em contato com a sua avó?

RODRIGO PENNA: Sim. Isso é história de família, né. Alguém quis, quis contar um boato, quis contar uma vantagem, contar a história desse jeito lá. E eu acreditei nisso durante muitos anos, porque isso era falado na casa da minha avó. Imagina, uma pessoa, são onze filhos, mais de trinta netos, então essas histórias circulam. Mas a apuração correta mostrou que não, que não foi nada disso. Meu tio, por exemplo, tá vivo hoje, né, ele não teve nenhuma participação no contato com a minha mãe, com o meu pai. O meu pai fili..., por exemplo, é filiado ao Sindicato dos Metalúrgicos, na época, e o sindicato tinha advogado. O advogado procurou saber onde é que meu pai tava preso, mas eles não davam nenhuma informação. Enquanto eles não decidiram que meu pai teria direito a advogado, a pessoa fica presa e sem absolutamente nenhum direito a nada, né? Eles têm o direito de vida e morte, porque muitas pessoas foram mortas nas cadeias da ditadura, então cê não tem direito nenhum, a nada. A história é essa.

ENTREVISTADOR: Entendi. Não, pode, pode.

ENTREVISTADOR: Depois que seus pais, seu pai, né, que foi solto depois, saiu da prisão e você falou que vocês alugaram uma casa...

RODRIGO PENNA: Uhum.

ENTREVISTADOR: Vocês três, como foi, assim, você tem lembranças da sua infância? Você...

RODRIGO PENNA: Tenho, eu tenho lembrança, por exemplo, da gente passando aperto, porque a pessoa fica estigmatizada. No caso da minha mãe menos, porque ela era funcionária pública. Eu não sei se ela já era concursada na época também, enfim, mas ela tinha o emprego dela. Mas o meu pai, por exemplo, tinha dificuldade de arrumar emprego. Então, não lembro, assim, não tô dizendo que eu tava passando fome, eu vivia uma vida lá de classe média. Mas meu pai, por exemplo, trocava de emprego com alguma frequência, porque digamos que você panfleta um currículo em circunstâncias normais hoje, aí alguém faz uma fofoca: “Ah, não, ele é subversivo, ele foi preso, ele é comunista.”, você pode perder o emprego por causa disso também. Eu lembro de a gente trocar de casa um pouco também em função de aperto, a gente saiu da Sagrada Família, que era uma casa grandona, fomos pruma casa bem menor lá em Santa Tereza, que era mais barato, né? Depois, depois nós acabamos comprando uma casa lá em Contagem, perto do bairro JK, justamente por isso, porque era mais barato. Eu não tô chorando, ninguém tá passando aperto hoje, eu sou professor, meu irmão está funcionário público, meu pai tá tranquilo, minha mãe faleceu bem de vida. Mas a gente passou aperto, como todo mundo que era de classe média, média e baixa naquela época teve uma certa dificuldade também. Isso influía na empregabilidade da pessoa. As empresas não contratavam subversivos, você tinha de apelar pros amigos. Agora, claro que tinha uma rede de proteção desse povo que militava também, eles tentavam te ajudar, te arrumar emprego, te dar dinheiro se você tivesse passando muito aperto. Essa rede de solidariedade sempre existiu também. Mas eu lembro da militância muito cedo, por exemplo, 77, 78, por exemplo, eu lembro da campanha de 78, a campanha para deputado, né, que a ditadura autorizou dois partidos a funcionar, que era o MDB e a ARENA, eu lembro de eu participar ativamente da campanha de 1978. Lembro de reuniões da campanha. Eu lembro, não sei se vocês entrevistaram alguém, eu lembro do Movimento Feminino Pela Anistia. O MFPA, com a Dona Helena Greco. Várias reuniões. Que hoje a Dona Helena é homenageada com um viaduto lá na avenida... Mas enfim. Essa parte de militância eu lembro bastante. Eu tenho orgulho dessa militância da minha família toda. Eu lembro da fundação do PT, o Lula já foi na minha casa lá em Contagem. Nessa época da fundação, no início dos anos 80, essa, essa caminhada dos metalúrgicos que o Lula representou pra São Paulo, mas também teve greves importantes em Minas Gerais, histórias que não foram muito contadas. Meu pai voltou a ser metalúrgico, voltou a trabalhar em fábrica também. E ele participou desse tipo de movimento todo. Meu pai trabalha com política até hoje. Mesmo aposentado, né, meu pai

é de 43, então já podia tá quieto no canto dele mas, como muita gente da idade dele, ele continua trabalhando. Ele é assessor de uma vereadora e mora lá em São João Del Rei. Do PT, lógico, ele continua trabalhando normalmente. Meu pai falou que ia trabalhar até morrer, enquanto ele puder. Ele não pensa em aposentar enquanto ele tiver condição de continuar militando e trabalhando. Eu já militei também, já trabalhei na Câmara de Vereadores de Contagem, com o ex-vereador, hoje deputado, líder do governo, Deputado Durval Ângelo, já trabalhei na Assembleia legislativa, e depois segui a minha carreira acadêmica, né. E sou funcionário federal na área da educação. Mas eu também militei bastante.

ENTREVISTADOR: Uhum. E depois que o seu pai foi solto, ele permaneceu na militância então?

RODRIGO PENNA: Permaneceu, meu pai nunca largou, né. E eu também, até um determinado momento da juventude, se eu quisesse, poderia ter feito essa carreira política, digamos assim, trabalhar com isso, como algumas pessoas continuaram, até da minha idade. Aí eu segui outros caminhos na vida. Mas até uns vinte anos, eu militei bastante, e trabalhei no ramo também. Até... Na juventude, quando eu não estava muito apertado da escola, até, porque eu formei em técnico no CEFET também, e lá é um negócio que toma um tempo danado, né. Mas eu ia, era comum, na minha família, a gente tinha reunião todo final de semana. A minha mãe foi secretária geral do PT de Contagem, por exemplo. Trabalhou na sede do partido durante muitos anos. Eu conheço cada birosca de Contagem, já rodei todo aquele lugar quando não tinha nem asfalto. Muito novo, pra cima e pra baixo. Panfletagem, caminhada, reunião... Não aguento mais reunião, já reuni demais. Mas eu reuni demais.

ENTREVISTADOR: O seu irmão nasceu em que ano?

RODRIGO PENNA: Eu só tenho um irmão, hoje ele mora lá em Brasília. O nome dele é em homenagem a um assassinado pela ditadura, meu irmão chama Marcelo Idalízio, o Idalízio era um amigo da minha mãe e do meu pai que morreu assassinado pela ditadura. Meu irmão nasceu em 75.

ENTREVISTADOR: Uhum.

RODRIGO PENNA: Eu nasci em dezembro de 71, e meu irmão é de março de 75, poucos anos depois.

ENTREVISTADOR: Algum tempo depois que seu pai foi solto, né?

RODRIGO PENNA: É, meu pai saiu em abril ou maio de 73, e meu irmão nasceu um ano e meio depois, né, disso, a gente já morava lá em Santa Tereza.

ENTREVISTADOR: Entendi. Ele foi nomeado em homenagem a Idalício então?

RODRIGO PENNA: Foi. Ele carrega no nome um amigo que morreu nessa época. Dessa época aí. Eu acho que era da Ação Popular também, amigo do meu pai e da minha mãe. Só que esse era da clandestinidade, eu não sei exatamente onde ele morreu.

ENTREVISTADOR: Uhum. Tem uma história que ele veio a falecer e seus pais logo depois nomearam seu irmão.

RODRIGO PENNA: É, ele deve ter morrido nessa época aí, 73, 74. E meus pais resolveram homenageá-lo dando um segundo nome pro meu irmão.

ENTREVISTADOR: Uhum. Teve mais algum episódio de prisão ou de tortura depois de 73? Dos seus pais?

RODRIGO PENNA: Não, não. Depois disso meu pai continuou militando, mas não veio a ser preso mais, né. E também houve um processo lento e gradual de abertura. Meu pai foi candidato, por exemplo, a deputado estadual pelo PT, em 1982, na época ele foi o terceiro mais votado; se fosse a estrutura de hoje, ele teria sido eleito, que hoje o PT elege mais de três deputados. E nesse sistema, né, que a gente tem, terceiro mais votado entra, do partido.

ENTREVISTADOR: Isso, seu pai sofreu julgamento, né, ficou preso, teve o julgamento, foi libertado...

RODRIGO PENNA: É.

ENTREVISTADOR: E aí depois ele não teve nenhuma...

RODRIGO PENNA: Não, é, depois ele, aí, né, lei de segurança nacional, eu acho que era, né, que eles usavam pra condenar todo mundo. Então ele sofreu o processo normal, foi condenado, cumpriu a pena e foi libertado.

ENTREVISTADOR: Entendi. Você contou pra gente esse caso do período de quando foi visitado no DOPS...

RODRIGO PENNA: É.

ENTREVISTADOR: Você abraçou o...

RODRIGO PENNA: O guarda.

ENTREVISTADOR: O guarda.

RODRIGO PENNA: Eu errei de pai.

ENTREVISTADOR: Você tem essa lembrança ou...

RODRIGO PENNA: Não, essa lembrança...

ENTREVISTADOR: Foi uma vez só que vocês foram lá? Ou (trecho incompreensível).

RODRIGO PENNA: Não, provavelmente eu posso ter ido mais de uma vez. Eu tento lembrar, eu não sei se é lembrança, ou se é uma coisa que eu pensei. Por isso que eu afirmei pro cê assim: lembrança, mesmo, eu tenho dessa casa lá do Sagrada Família, provavelmente 73, sabe. Agora, lembrar da cadeia, às vezes eu acho que eu lembro, às vezes eu acho que eu não lembro. Porque, pensa bem, eu devia ter um ano e dois meses, será que eu lembrava? Eu mesmo tenho dúvida, assim. Às vezes eu tenho essa imagem da cadeia, sabe, na minha cabeça. Mas eu não consigo afirmar pra você se é lembrança ou se é alguma coisa que eu criei pra mim também. É muito novo, né. Eu não tenho essa convicção pra falar procê, não.

ENTREVISTADOR: E durante a sua infância, assim, a sua infância, a sua juventude e hoje, você acha que ficou, assim, algum trauma desse episódio?

RODRIGO PENNA: Eu acho que pela idade que eu fui preso, né, de cinco dias até quarenta e cinco, cinquenta dias de vida, eu não sei, né. Meu pai, minha mãe, o meu irmão, eles falam que sim, que eu tenho uns trem que... Mas isso é uma pessoa julgando o caráter e o jeito da outra, né. Eles dizem que sim, mas mesmo já fiz análise, psicólogo, nunca cheguei à conclusão de nada. Pode ser que sim, a gente não sabe. Igual eu te falei, algumas coisas são muito sutis, né. Esse ciúme que eu acho que a minha mãe tinha da minha vó, por exemplo, isso pra mim era muito claro, né? Ou essa ligação minha com a minha vó também, era muito evidente. Agora, como é que isso afeta? A vida é uma coisa muito complexa, então não sei dizer em cada aspecto, em cada detalhe, como é que isso afeta a vida das pessoas. A gente vê que afeta, eu citei exemplos claros. Mas na profundidade eu não saberia dizer, não. Uma coisa bem mais simples é identificar o medo de agulha do meu pai, agora dizer como é que isso me afetou é mais complicado, eu era muito bebê, né.

ENTREVISTADOR: Mais alguma questão? Tem mais alguma coisa, você queria complementar mais alguma coisa, mais algum caso?

RODRIGO PENNA: Não.

ENTREVISTADOR: Algum fato que você lembrou?

RODRIGO PENNA: A princípio não tô lembrando de mais nada. Se vocês quiserem saber, como eu não tenho nenhum grilo de falar, tanto é que eu nem coloquei lá no depoimento que não é pra citar meu nome, né. Isso é aberto. Como foi o julgamento na Comissão Nacional. No meu caso, tem gente que não gosta, né, mas no meu caso é aberto. Eu queria transmitir online, pros meus amigos ver, ué.

ENTREVISTADOR: Como é que foi, esse, você contou antes da gente começar a gravar você me contou que cê foi numa audiência e aí que foi o julgamento (trecho incompreensível).

RODRIGO PENNA: Ah, sim, eu achei muito legal o procedimento da Comissão da Verdade, ela tava funcionando a pleno vapor, né? No ano de 2015 a gente ainda tinha democracia no Brasil. Então foi lá na Barragem Santa Lúcia, e tem um caso que eu queria citar, que eu fiquei impressionado, um artista que eu nem conhecia, porque o julgamento foi de várias pessoas, foi meu, da minha mãe, do meu pai e chama julgamento mesmo, que eles julgam caso a caso. O caso é apresentado, tem lá as pessoas, né, os especialistas, os historiadores que participam da comissão, tem uma banca e eles avaliam se a documentação e os depoimentos apresentados são condizentes com a história mesmo, se vai entrar pra história da Comissão da Verdade, etc. e tal, você recebe indenização, envolve até dinheiro, então é um negócio bastante sério. Mas o caso do Sirlan eu gostaria de comentar. Ele foi julgado no mesmo dia que eu, eu nem conhecia o Sirlan, vim a conhecer pessoalmente lá. O Betinho Duarte, que é uma pessoa sempre ligada a essa questão de direitos humanos, da Comissão da Verdade, contou pra gente lá nesse dia que ele achou o Sirlan vendendo alguma coisa na rua, vendendo pipoca, vendendo algodão doce, achou na rua o cara, por acaso. Depois procura no Youtube, ele tem uma música que foi muito famosa na época, eu não conhecia, vim a conhecer depois, chama “Vivas à Pátria”, ele cantou lá pra nós no dia. Então esse é um tipo de cara, pro cê ver que a vi... a ditadura afetou completamente, ele era artista e tava fazendo sucesso, a ditadura censurou a obra dele, prendeu o cara, a carreira artística dele acabou, a vida dele mudou bastante. Mas foi muito legal, porque foi numa escola pública, então tinha, eu chamo de criança, né, mas uma faixa etária aí de uns 13, 14 anos, foi num auditório grande, e foi apresentado caso a caso. O da minha família, por exemplo, foi julgado em conjunto, inclusive eu vou deixar gravado no meu depoimento, fazer um pedido pra Comissão da Verdade mineira, que é o seguinte: o caso da minha mãe foi julgado na mineira; o caso do meu pai foi julgado, o meu caso tá em aberto. Isso é uma desmoralização, tem que terminar meu caso, ué.

ENTREVISTADOR: Da CONEDH?

RODRIGO PENNA: É, ué. Uai, me julga lá, gente. Não tem cabimento. Já fui julgado pela nacional.

JANAÍNA: Uhum. Então acho que, mais alguma coisa pra colocar? Então nós vamos encerrar agora, às 10:08 da manhã, né? Do dia 2 de maio de 2017, aqui no estúdio de

gravação de televisão da Fumec, a oitiva do Rodrigo Penna. Queria agradecer a sua disponibilidade, o seu relato, e a sua abertura de nos contar um pouco sobre a sua trajetória de vida, a sua e da sua família, e agradecer também a presença da Ana Sofia, e quem está falando é a Janaína, e estamos encerrando a oitiva agora, obrigada. Pode chamar o Germano, é. Tem que chamar ele lá pra poder encerrar. Depois, Rodrigo, se você tiver algum registro fotográfico, alguma fotinha, alguma coisa assim desse período quando você era bebê, quando você foi... Ah, não sei, se você tiver alguma, algum registro e puder nos passar.

RODRIGO PENNA: Eu tenho fotos de eu bebê, morando na casa da minha avó e antes do meu pai sair da cadeia. Desse período eu tenho registro, aí eu posso mandar, aí é fácil, eu escaneio e mando até por e-mail.

JANAÍNA: É, se puder disponibilizar pra gente, porque fica mais vivo na, né, pro nosso, pro nosso, pro relato. (trecho incompreensível)

RODRIGO PENNA: Arquivo, né. Até para ilustrar, lógico.

ENTREVISTADOR: É, pra gente poder ilustrar esses casos porque...